

FUKUSHIMA ABALA FUNDAMENTOS DO ESTADO

Da Redação

“O que está acontecendo aqui?”, grita o primeiro-ministro Naoto Kan, em visita à sede da *Tokyo Electric Power Company* (Tepco), operadora da usina nuclear de Fukushima, cinco dias após a ocorrência, em 11 de março, do tsunami e terremoto de 9 graus na escala Richter (nível máximo) que provocaram vazamento de plutônio da instalação. Melodramático, Kan acusa os executivos da empresa de terem colocado os seus próprios interesses acima do bem estar do povo japonês. O Japão enfrenta a sua mais grave crise desde o fim da Segunda Guerra, declarou Kan, que decretou “alerta total”. A radiação acumulada durante 25 dias na província de Fukushima excedeu os níveis tolerados para o período de um ano, revivendo os fantasmas liberados pelo fantasma de Chernobyl (Ucrânia), em abril de 1986.

“Não é uma questão de se a Tepco vai cair, é uma questão de se o Japão vai errar”, diz Kan aos responsáveis pela usina. Ato contínuo, diz considerar a hipótese de nacionalizar a empresa. Parte da postura de Kan é puro jogo de cena. Ele é membro do Partido Democrata (PDJ), que, em setembro de 2009, venceu as eleições parlamentares e desbancou o poderoso Partido Liberal Democrático (PLD), no poder desde 1955. Ao denunciar os métodos administrativos da Tepco, Kan certamente afia as garras para atacar o PLD. E, do ponto de vista histórico, terá os fatos ao seu lado. A Tepco é uma empresa conhecida por falsificar dados sobre o estado de segurança das usinas que administra (**veja o box**), sempre contando com a conivência do PLD. A reação de Kan revela que outro tsunami atingiu o Japão: estão em jogo as fundações do Estado nipônico.

O PLD nasceu em 1955, junto com o atual

Desastre natural provoca um tsunami político, ao revelar relações promíscuas entre empresários e autoridades públicas



Diretoria da Tepco: displicência criminosa



Estado japonês, que, por sua vez, foi recriado sob ocupação militar dos Estados Unidos. Durante a Guerra Fria, a economia e o sistema político japoneses foram construídos como uma espécie de posto avançado dos interesses globais da “esfera capitalista” no Pacífico. A nova Constituição limitou os gastos bélicos às necessidades estritas de defesa e manteve as bases militares estadunidenses no país. A burocracia estatal coordenou e planejou o crescimento industrial, oferecendo subsídios e proteção aos conglomerados e selecionando as empresas destinadas a concorrer no mercado mundial. O Estado investiu em educação, formando profissionais qualificados.

O PLD, espinha dorsal do novo Estado, atingiu o auge de seu poder nos anos 70, sob a liderança do primeiro-ministro Kakuei Tanaka. O partido, hegemônico, funcionava como um comitê de representantes dos interesses das grandes empresas e bancos, que financiavam diretamente as suas campanhas eleitorais. Era receita certa de corrupção: o próprio Tanaka renunciou em meio

a um grande escândalo, em 1974. Embora chacoalhado por sucessivas denúncias, o modelo “funcionava”. A exportação de bens de consumo de alto valor agregado (automóveis, aparatos tecnológicos, robótica, microeletrônica etc), estimulada pela subvalorização do iene (o que tornava os produtos japoneses baratos no mercado externo) permitiu a entrada de rios de dólares no país. O dinheiro fluía, favorecendo ainda mais a prática da corrupção e a especulação imobiliária.

Mas a festa acabou nos anos 90, com a recessão prolongada, o desemprego e o estouro da imensa bolha especulativa no setor imobiliário. Em 1990, a súbita queda do valor das ações e dos imóveis, então excessivamente sobrevalorizados, produziu uma hecatombe na economia real, da qual o Japão nunca se recuperou de fato, ainda mais tendo que competir com o crescimento avassalador da vizinha China. Esse foi o quadro que, finalmente, em 2009, conduziu o PDJ ao poder, então sob a liderança de Yukio Hatoyama, um político de retórica reformista, mas que tem uma trajetória ligada ao PLD, do qual foi membro, até 1993, quando passou para a oposição.

Hatoyama prometia uma espécie de “*New Deal*”: reforçar a rede de proteção social, numa situação em que o Japão enfrentava níveis recordes de desemprego (5,7%); reforma das aposentadorias para beneficiar os mais pobres, escolas públicas gratuitas, mais subsídios para os agricultores e fim dos “gastos excessivos” nas obras públicas (o mecanismo utilizado pelo PLD para compensar os “amigos”). Hatoyama também prometia dar continuidade à aliança com os Estados Unidos, mas questionou a presença militar estadunidense no Japão (o que foi decisivo para a sua queda, em junho de 2010, quando foi substituído por Naoto Kan).

O desastre de Fukushima demonstra que o “*New Deal*” de Hatoyama está muito longe de ser atingido, e prevalecem os mecanismos de cumplicidade entre autoridades públicas e empresários. Se Kan tem mesmo a intenção de “reformular o Japão”, terá que comprar uma guerra sem tréguas com o PLD e associados. E tem poucas escolhas: se não o fizer, seu partido será engolido pelo mesmo tsunami que abriu as comportas do inferno nipônico.

Tepco: uma história de falsificações

- **Anos 80 e 90:** em vários momentos a Tepco falsificou dados, inclusive o número de fendas nos tanques de pressão dos reatores da usina.
- **1991 e 1992:** funcionários bombearam ar para dentro do tanque de segurança do reator 1 da usina, para minimizar a leitura de testes de vazamentos.
- **2000:** detectadas rachaduras nos canos de água na usina.
- **2002:** um engenheiro da General Electric, que fabricou três dos seis reatores da usina, soou o alarme. Não haviam sido feitas inspeções em 13 reatores nas usinas da Tepco. Ele denunciou 29 episódios de dados falsificados, provocando a renúncia de altos executivos da Tepco.
- **2006:** vapor radioativo vazou de um cano da usina. A empresa também foi acusada de falsificar dados sobre a temperatura da água de resfriamento em 1985 e 1988. Em 2007, surgiram outros dados falsificados de um reator da Tepco.
- **2007:** ao menos oito pessoas morreram quando a usina de Kashiwazaki-Kariwa foi danificada por um terremoto. Canos estouraram, houve incêndios e água radioativa vazou de uma piscina de armazenagem de varetas de combustível usadas. Mais tarde, foi determinado que a Tepco tinha pulado 117 inspeções no local.
- **2009:** outro incêndio ocorreu na planta de Kashiwazaki-Kariwa.
- **2 de março de 2011:** a agência reguladora de energia nuclear do Japão acusou a Tepco de negligência: a empresa teria deixado de inspecionar 33 equipamentos na planta de Fukushima, incluindo os elementos no sistema de resfriamento central. A empresa admitiu ter cometido erros, e que também tinha deixado de fazer 19 inspeções na planta de outra usina localizada em Fukushima.
- Especialistas já vinham advertindo **desde os anos 70** que o reator do tipo Mark 1, produzido pela General Electric, não foi construído para sobreviver a uma combinação de terremoto e tsunami.